

Resumo: O autor reconhece a dificuldade de discorrer sobre o tema, e começa aludindo à “transformação epocal” pela qual estamos passando. Comenta a passagem “da tradição à atração”, esta, representada pelo papa Francisco. Da mesma forma, a passagem da “irritação à cativação”; da “estrutura à visão”, esta, personificada por Dom Hélder; do pessimismo, ao “otimismo da salvação”, segundo Rahner e Balthazar; de uma Igreja excludente, a uma Igreja “inclusiva”: novamente, segundo Francisco; da “conquista” ao des-velar, revelar e salvar, segundo Pagola; do “servir-se ao servir” (Congar); de “fregueses”, a testemunhas comprometidas (Zulehner). Quanto aos pastores, faz-se a pergunta de Comblin: não são, apenas, “administradores”? Com Lobinger, indaga: por que não, ministros ordenados crescidos na própria comunidade? E termina inconclusamente, apontando para um campo imensamente aberto.

Abstract: The author is quite aware of the difficulty to deal with the theme and thus he alludes to the “transformation of an entire epoch” in which we are currently involved. He comments on the transition from “tradition towards attraction”, which is displayed by Pope Francis. In the same manner, the transition from “irritation towards fascination”; from “structure towards vision” as exemplified by the bishop Dom Helder; from “pessimism towards the optimism of salvation” in the teaching of Rahner and Balthazar; from an exclusivist Church towards an all comprising Church as illustrated by Pope Francis; from the trend of “conquest” towards a growth which opens itself up, as dealt with by Pagola; from “self-service towards readiness to serve others” (Congar); from membership as clients towards engaged witnesses (Zulehner). As regards the leadership, the question of Comblin is quite relevant: they are not only “administrators”? Or else, are they not ordained ministers at the service of their own community? The conclusion returns to the difficult question raised at the beginning and points at further research still being required for a more precise clarification.

A missão da Igreja na conjuntura atual

*Antonio José de Almeida**

* Pe. Antônio José de Almeida é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, e membro do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.



Não é tão fácil falar algo sobre a missão da Igreja na conjuntura atual. A Conferência Geral do Episcopado da Igreja na América Latina e Caribe, em Aparecida, 2007, já falou sobre isso, sobretudo nos capítulos VI a X de seu Documento final. O papa Francisco, em sua Exortação apostólica, a *Evangelii gaudium*, de 2014, fala ampla e apaixonadamente sobre a missão da Igreja no contexto atual e abre-lhe perspectivas para o futuro. Francisco até poderá lançar outros documentos, mas provavelmente nenhum superará a “Alegria do Evangelho”, que é o seu manifesto programático para a Igreja nos próximos anos ou décadas. Esse documento é, merecidamente (o tempo o dirá), comparado à Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, em 1975, sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Há também as iniciativas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, sobretudo com as Diretrizes gerais, que atualmente são quinquenais (2011-2015), e, à luz de Aparecida, têm trabalhado o tema da missão continental. O tema é complexo, e reflexões por parte da Igreja não faltam sobre sua missão na conjuntura atual.

1 Transformação epocal (Jaspers, João XXIII, Alberigo)

A Igreja não está em “crise”, mas – e isto é muito mais sério e dramático – num complexo processo de transformação epocal. Não estamos vivendo uma época de mudanças, como vimos repetindo desde João XXIII e o Concílio Vaticano II, mas, como atualmente se insiste, vivemos uma mudança de época! Os pensadores do futuro – se houver futuro por muito tempo – poderão dizer se estamos (se estávamos) ou não no vórtice de um “período axial”, semelhante àquele que a humanidade viveu entre os anos 800 e 200 a.C.¹ A mudança de época em que estamos inseridos não é de hoje; de hoje é a consciência aguda que tomamos deste fenômeno extremamente complexo e avassalador. João XXIII já o denunciara, há mais de cinquenta anos, no Discurso de Abertura do Concílio: “No presente momento histórico, a Providência está-nos levando para uma nova ordem de relações humanas.” (*Gaudet Mater Ecclesia* IV, 4) (cf. GS 1-6).

Por toda parte se fala de crise, sobretudo nas culturas modernas da Europa ocidental e da América do Norte, mas também entre nós. Lamentam-se as baixas: aumenta o número de pessoas “sem religião”;

¹ Cf. JASPERS, K. *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte*. München: Piper Verlag, 1949.



o número dos fiéis se reduz; há menos padres para atender às comunidades cristãs; as ordens e as congregações religiosas ou morrem ou, para sobreviver, deslocam-se para outros continentes; uma profunda crise de Deus estaria afetando profundamente o mundo; o cristianismo estaria morrendo. Nos países do Sul, ainda há muita religião, mas seu declínio quantitativo seria apenas questão de tempo; o qualitativo, sob alguns aspectos, já se vê por toda a parte.

Dizer que a Igreja está em crise é cômodo para alguns. Aqueles que não aceitaram plenamente o Concílio atribuem ao Concílio a culpa pela crise. Dizem que anteriormente a Igreja estava muito bem. Os ‘muros’ que a protegiam (cf. Ne 2,17)² a preservavam dos males do mundo moderno. A Igreja tinha conseguido realizar seu programa milenar: salvar os eleitos da *massa damnata* do mundo corrompido, racionalista, secularizado e relativístico. Claro que, para esses, reformar a Igreja significa levá-la de volta ao estado em que se achava antes do Concílio. É a tese da “restauração”.³ Faz-se uma simplificação quando se situa Ratzinger – usando as velhas categorias – à direita; há que se ter em conta que, à direita dele, se perfilam inúmeros personagens e grupos.⁴

² “Vocês não estão vendo a miséria em que nos encontramos? Jerusalém está em ruínas e suas portas foram queimadas. Vamos reconstruir as muralhas de Jerusalém, e essa vergonha acabará.” (Ne 2,17).

³ J. Ratzinger, no *Rapporto sulla fede*, uma longa entrevista concedida a V. Messori antes do Sínodo Extraordinário sobre o Concílio Vaticano II (1985), se não disse formalmente, deixou a impressão de que muitos males da Igreja se deviam ao Concílio ou, ao menos, a uma sua equivocada interpretação (MESSORI, V. *Rapporto sulla fede*: Vittorio Messori a colloquio com Joseph Ratzinger. Milano: San Paolo Edizioni, 1985).

⁴ No momento atual, os que, identificando-se idealmente com Bento XVI, lamentam a sua renúncia, poderiam ser distribuídos em cinco categorias: 1) os *tradicionalistas*: eles são os maiores defensores do motu próprio “*Summorum Pontificum*”, que liberalizou o antigo rito da Missa tridentina (Pio V), em latim. Apoiavam a “reforma da reforma” litúrgica, o uso do latim por parte da Igreja e a guerra de Bento XVI contra o relativismo. Esperavam um acordo com os seguidores de Lefebvre, de modo que esses pudessem entrar em plena comunhão com a Igreja Católica. 2) os *curiais dogmáticos*: são aqueles que temem uma reforma profunda da Cúria Romana, que é o governo central da Igreja universal. Sentia-se a necessidade de algumas mudanças, mas temem que Bergoglio queira dismantelar dez séculos de história da Cúria Romana. Bento XVI se arrependeu de deixar a liberdade de ação à Cúria e confiar um papel muito importante para a Secretaria de Estado; Francisco tem justamente redimensionado a Secretaria de Estado, que vem ganhando espaço e importância em seu projeto. 3) os *bertonianos*: aqueles que fizeram parte da “equipe” do ex-Secretário de Estado, o cardeal Tarcisio Bertone. Foram seus colaboradores mais próximos ou tinham sido promovidos pelo cardeal em alguns postos-chave da administração central da Igreja. Alguns já foram removidos pelo Papa Francisco, muitos outros ainda estão em sua função. São leais ao novo pontífice, mas nem sempre em sintonia com suas ideias e temem ser afastados a qualquer momento. 4) os *dogmáticos*: sentem-se os guardiões



Mas se a Igreja está passando por uma fase epocal de transformação, não é o caso de fazer uma “reforma para trás”, mas de uma corajosa renovação eclesial voltada para o futuro. “Um salto para frente”, como disse João XXIII no Discurso de Abertura do Concílio!

Há que se partir da ideia de que a Igreja não está em crise, mas em profunda “transformação”. Isto exige de nós algumas “mudanças de perspectiva” que podem facilitar a caminhada da Igreja nesta fase dramática.

Indicação: sensibilidade e análise da realidade e das tendências (*trends*), sobretudo, culturais e religiosas. (O Documento de Aparecida privilegia o elemento cultural na nova evangelização e missão no mundo atual).

2 Da tradição à “atração” (papa Francisco)

A Cristandade acabou. O cristianismo (entre nós, o catolicismo) não é mais um destino,⁵ mas uma escolha. Não tem mais sentido pensar a presença da Igreja na sociedade a partir do parâmetro dos 100% de católicos, que era a nossa situação quando da Proclamação da República (1889) e da separação entre Igreja e Estado (1891). Para quem se coloca nesta perspectiva, só vai enxergar perda, e essa atitude impede uma corajosa decisão pela evangelização, que tem que trabalhar com o hoje, sem saudosismos nem devaneios.

“Perdemos 35% dos católicos!” dizem alguns. Não poderíamos inverter a análise e talvez dizer: os evangélicos cresceram 25%, avançan-

e defensores da doutrina imutável da Igreja. Eles temem que Bergoglio coloque as questões de moralidade em discussão e reflexão, fazendo, assim, avançar sua compreensão. Criticam, por exemplo, a “pesquisa de opinião”, lançada pelo Papa entre os fiéis sobre os temas da família em vista do Sínodo dos Bispos, cuja primeira fase aconteceu no mês de outubro de 2014. Da mesma forma, criticam, do ponto de vista teológico, algumas das declarações do papa em entrevistas e em outras ocasiões.

5) Os *centralistas*: são aqueles que temem a descentralização do governo da Igreja realizada pelo Papa Francisco. Na *Pastor bonus*, de 1988, fariam, no máximo, alguns retoques atualizantes. Em particular, não compartilham o papel e a autonomia que o Papa quer que sejam reconhecidos às Conferências Episcopais locais. Defendem uma Igreja menos colegial e mais centralizada, como a visão adotada por Ratzinger. (cf. INGRAO, Ignazio. “Benedetto XVI un anno dopo: ecco chi lo rimpiange”, em: *Panorama*, 10.2.2014)

⁵ BERGER, Peter. *Una gloria remota. Avere fede nell’epoca del pluralismo*. Bologna: Il Mulino, 1994. *Idem*, BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2004.



do sobre a “massa” dos atuais 70% dos católicos que têm uma ligação extremamente fraca com a Igreja católica? Essa massa de 70% de não-praticantes não deveria ser encarada como “terra de missão” (como se dizia com muita eficácia simbólica no passado), que nós somos chamados a evangelizar missionariamente?

Não se coloca aí o apelo – que vem de muitos setores da Igreja – para uma “nova evangelização” (Sínodo de outubro de 2012) e para um trabalho sistemático de “iniciação cristã” (Aparecida)? Poderíamos esperar por um apelo à evangelização mais claro e forte que as recorrentes falas do Papa Francisco sobre uma Igreja “em saída”, de “portas abertas”, de “coração missionário”, “mais próxima das pessoas”? Diz o papa: “Todos têm direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferecendo um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas ‘por atração’.” (EG 14).

Não adianta ficar se lamentando porque só 20% de católicos vão à igreja com certa regularidade (uma vez por semana, a cada quinze dias, uma vez ao mês). Em termos de Brasil, se isto for verdade, seriam 25 milhões de pessoas. Pessoas que vão livremente à Igreja, que querem expressar e alimentar a sua fé, que, de algum modo, estão amadurecendo na fé e na vida cristã nos níveis, quem sabe, pessoal, comunitário e social. Quem hoje participa – se formos capazes de dar um salto de qualidade em nossa pastoral – amanhã será mais consciente, mais convicto, mais coerente! Aliás, nos últimos 50 anos, a qualidade dos católicos comprometidos e da Igreja católica no Brasil como um todo certamente melhorou muito!

“Pela primeira vez na história deste país”, as pessoas estão experimentando, conhecendo, sentindo, analisando, decidindo que caminho seguir em matéria de religião! Somos convocados a voltar à afirmação de Tertuliano, certa como tantas outras do grande africano: “*Fiunt, non nascuntur christiani*” (cristãos não nascem; cristãos se fazem).

Isso poderia favorecer a qualidade do rebanho católico, que, hoje, cinquenta anos depois do Concílio, certamente é melhor do que quando se ia à missa e não se entendia nada; se recebia o batismo mais pelo peso da tradição do que por convicção; se recebia a crisma ainda bebê; se fazia uma sumária preparação para a primeira comunhão; onde imperava um individualismo religioso alheio a qualquer forma de expressão comuni-



tária; onde a organização da paróquia não ia além da Fábrica da Igreja, da Cruzada Eucarística, da Irmandade do Santíssimo, do Apostolado da Oração e da Congregação Mariana; onde a Ação Católica era rara, atingindo quase só uma ‘elite’.

Indicação: Igreja em estado permanente de missão; missão não só na linha do anúncio ou da transformação da sociedade, mas evangelização na linha da *Evangelii nuntiandi*, de Aparecida e da *Evangelii gaudium*; atenção ao tripé “pessoa – comunidade – sociedade” adotado em algumas das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora; a iniciação cristã!

3 Da irritação à cativação (papa Francisco)

A hierarquia irritou muito no passado e, em certas ocasiões e situações, ainda continua – não por causa do autêntico Evangelho! – irritando as pessoas. Pessoas e grupos que querem promover uma autêntica reforma da Igreja pensam que seria melhor a hierarquia não irritar tanto as pessoas. Basta o Evangelho, que também é crítica, julgamento, espada, cruz!

Dou alguns exemplos mais vistosos: o *Syllabus* de Pio IX; a insistência quase doentia em alguns pontos da moral sexual (com um eloquente recuo na insistência depois dos escândalos da pedofilia); o tédio de certas missas, sobretudo para os jovens.⁶ Mas podiam se alargar: Igreja com restrições em relação às mulheres; às vezes ‘neurótica’ em matéria sexual; não ‘democrática’ (centralizadora em termos de organização e autoritária em termos de tomada de decisão); pré-moderna em tantos aspectos ligados à expressão da fé... Quando vem o Papa Francisco e diz, por exemplo, em relação aos homossexuais, “se uma pessoa é gay, busca a Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la”, os fariseus de plantão rasgam as vestes e não poupam críticas ao próprio papa.

Na Europa, estudos mais recentes sobre a mobilidade religiosa demonstram que esses elementos – embora não causem a mobilidade religiosa – jogam um papel importante, enquanto a aceleram. Na verdade, quem deixa a Igreja nem sempre a deixa, muitas vezes nunca esteve nela para valer; quem deixa a Igreja deixa-a porque nada o segura nela; a

⁶ SUESCÚN, Javier M. *A missa me dá tédio*. São Paulo: Paulus, 2003.



Igreja não significa mais nada na sua vida; esqueceram-se de ter esquecido Deus;⁷ não têm mais elos significativos com a Igreja!

O Concílio, adotando o estilo e atendendo às indicações de João XXIII, usou outra forma de linguagem: não mais proibitiva ou condenatória, mas positiva e exortativa. Dizia João XXIII na abertura do Concílio (desculpem se me alongo em citações do Discurso Inaugural):

A Igreja sempre se opôs a estes erros; muitas vezes até os condenou com a maior severidade. Agora, porém, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade. Julga satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações.

E acrescentava:

Não quer dizer que não faltem doutrinas enganadoras, opiniões e conceitos perigosos, contra os quais nos devemos premunir e que temos de dissipar; mas estes estão tão evidentemente em contraste com a reta norma da honestidade, e deram já frutos tão perniciosos, que hoje as pessoas parecem inclinadas a condená-los. Em particular, os costumes que desprezam a Deus e a sua lei, a confiança excessiva nos progressos da técnica e o bem-estar fundado exclusivamente nas comodidades da vida. Eles se vão convencendo sempre mais de que a dignidade da pessoa humana, o seu aperfeiçoamento e o esforço que exige é coisa da máxima importância. E o que mais importa, a experiência ensinou-lhes que a violência feita aos outros, o poder das armas e o predomínio político não contribuem em nada para a feliz solução dos graves problemas que os atormentam. (João XXIII, GME VII, 2).

Como não se lembrar também das palavras do antigo professor de História da Igreja (no Seminário de Bérghamo) e de Patrologia (na Universidade Lateranense, Roma) a quem, meio século depois, coube a missão histórica de convocar e abrir o Vaticano II:

No exercício cotidiano do nosso ministério pastoral ferem nossos ouvidos sugestões de almas, ardorosas sem dívida no zelo, mas não dotadas de grande sentido de discrição e moderação. Nos tempos atuais, elas não veem senão prevaricações e ruínas; vão repetindo que a nossa época, em comparação com as passadas, foi piorando; e portam-se como quem

⁷ Cf. ZULEHNER, Paul M. "Cambi di prospettiva", em: *Il Regno – attualità* 57 (10/mayo 2012), pp. 305-307.



nada aprendeu da história, que é também mestra da vida, e como se no tempo dos Concílios Ecumênicos precedentes tudo fosse triunfo completo da ideia e da vida cristã, e da justa liberdade religiosa. (IV, 2)

“Mas parece-nos que devemos discordar desses profetas da desventura, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo.” (IV, 3) “O que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz.” (V, 1)

Mas, para que esta doutrina atinja os múltiplos níveis da atividade humana, que se referem aos indivíduos, às famílias e à vida social, é necessário primeiramente que a Igreja não se aparte do patrimônio sagrado da verdade, recebido dos seus maiores; e, ao mesmo tempo, deve também olhar para o presente, para as novas condições e formas de vida introduzidas no mundo hodierno, que abriram novos caminhos ao apostolado católico. (V, 5)

A finalidade principal deste Concílio não é, portanto, a discussão de um ou outro tema da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos Padres e dos Teólogos antigos e modernos, que se supõe sempre bem presente e familiar ao nosso espírito. (VI, 4)

Para isto, não havia necessidade de um Concílio. Mas da renovada, serena e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja, na sua integridade e exatidão, como ainda brilha nas Atas Conciliares desde Trento até o Vaticano I, o espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro espera um progresso na penetração doutrinária e na formação das consciências; é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo. Uma coisa é a substância do “depositum fidei”, isto é, as verdades contidas na nossa doutrina; e outra é a formulação com que são enunciadas, conservando-lhes, contudo, o mesmo sentido e o mesmo alcance. Será preciso atribuir muita importância a esta forma e, se necessário, insistir com paciência, na sua elaboração; e dever-se-á usar a maneira de apresentar as coisas que mais corresponda ao magistério, cujo caráter é predominantemente pastoral. (VI, 5)

A “pastoralidade”, vista como consciência (e decorrência) da dimensão histórica da revelação, da fé, da Igreja, das respostas!

A Igreja precisará ainda certamente de muito tempo para eliminar todos os motivos de dispensável e contraproducente irritação, movendo-se: de uma moral sexual não totalmente vacinada contra toda forma de



maniqueísmo, dualismo, encratismo, a uma atitude evangelicamente reconciliada com a matéria, o corpo, a sexualidade; do centralismo e do autoritarismo, a formas de decisão e governo mais sinodais e colegiais; do patriarcalismo culturalmente herdado, a uma relação com as mulheres inspirada no exemplo de Jesus.

Indicação: atenção e leitura teológica e pastoral dos “sinais dos tempos”, mediante os quais Deus abre caminhos para o futuro e nos mostra os caminhos a trilhar no presente; Igreja exortativa, não só proibitiva e condenatória; Igreja propositiva, não só crítica; Igreja em permanente estado de reforma, renovação e conversão (pessoal, comunitária, pastoral, institucional).

4 Da estrutura à visão (dom Hélder)

Certamente, é urgente mudar determinadas estruturas: penso na Cúria Romana, que tem que deixar de ser um ‘terceiro poder’ entre o papa e as Igrejas locais; penso na escolha dos párocos e dos bispos, que deveriam ser mais participativas; penso nas condições de acesso ao ministério ordenado, que melhoraria muito se voltássemos aos critérios e requisitos do Novo Testamento e da Igreja Antiga; penso na descentralização, que seria possível e benéfica com a criação de patriarcados regionais (no mínimo, um por continente) e dando mais peso às conferências episcopais; penso numa revisão do atual modelo de sínodo dos bispos, de modo que este possa colaborar mais efetivamente com o Papa no governo da Igreja;⁸ penso numa Igreja mais simples e mais pobre... As reformas de Francisco se embalam nos mesmos sonhos. Basta pensar na formação do “grupo dos Oito” (a seguir, “dos Nove”), que um teólogo italiano descreveu como “dirompente” (Massimo Epis), sem dúvida inovadora. Mas não basta reagir aos sinais de transformação com reformas

⁸ Cf., por exemplo, MILANO, G. P. Il sinodo dei vescovi: natura, funzioni, rappresentatività, em: AA. VV., *La synodalité. La participation au gouvernement dans l'Église*. Actes du VII Congrès International de Droit canonique. Paris, 21-28 septembre 1990. Paris, L'Année Canonique, 1992. ANTÓN, A. Sinodo e collegialità extraconciliare dei vescovi, em: CONCETTI, G.; FAGIOLO, V. (ed.), *La collegialità episcopale per il futuro della Chiesa*, Firenze, 1969, p. 74; *Idem*, *La collegialità nel sinodo*, em: TOMKO, J. (ed.), *Sinodo dei vescovi. Natura, metodo, prospettive*. Città del Vaticano: LEV, 1985, pp. 59-111. Já no sínodo de 1971, J. Gremillion apresentou seu projeto de reestruturação do Sínodo: “Quelques réflexions sur l'évolution future du Synode”, em: INDELICATO, A. *Il sínodo dei vescovi. La collegialità sospesa 1965-1985*. Bologna: Il Mulino, 2008, pp. 374-377.



das estruturas. Além da conversão pessoal, comunitária e institucional... “a Igreja precisa de visões”!

Aliás, é típico da pós-modernidade não ter grandes visões, sonhos, ideais, utopias. Em viradas culturais como esta, cabe à Igreja – chamada a ser comunidade de contrastes⁹ – ir contra a maré, nadar contra a correnteza. Às vezes, a cultura – ou elementos da cultura – favorece a evangelização; outras vezes, o embate é necessário, sob pena de o Evangelho ser engolido e vencido pela cultura, como tantas vezes sucedeu ao longo da história.

“É necessário e urgente, com a participação do maior número possível de pessoas da Igreja e também de fora dela, buscar a visão mais adequada para orientar e motivar a ação da Igreja.”¹⁰ Quando chega ao trono de Pedro um cristão como o Papa João XXIII (segundo a provocativa expressão de Hanna Arendt) e o Papa Francisco, nem é preciso tanta gente: um único “pastor místico” mostra que é possível “recriar a adesão mística da fé num cenário religioso plural” (EG 70).

Francisco não é o primeiro nem o único, nem será o último a ter “visão”.¹¹ Antes dele, já a tínhamos encontrado no Vaticano II, em Medellín, na *Evangelii nuntiandi*, em Puebla, em alguma passagem de Santo Domingo, em Aparecida, nas Diretrizes gerais da CNBB. Seria necessário, então, agarrar-se a ela (ou a elas) como aquele mercador que foi à procura de uma pedra preciosa e, tendo-a encontrado, vendeu tudo para comprar o campo em que ela se encontrava!

Será que esta visão não é – ele que “foi, que é e que será para a eternidade?” (Hb) – o próprio Jesus, que temos sempre de novo que redescobrir e nos encontrar com Ele, para que seja realmente o “pão da vida”, o “caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6)?¹² Não seria o Reino

⁹ Cf. LOHFINK, G. *Como Jesus queria as comunidades?* São Paulo: Paulinas, 1987.

¹⁰ ZULEHNER, P. M. *Cambi di prospettiva*. Op. cit., p. 305.

¹¹ Lembro-me de um comentário de Congar sobre Dom Hélder Câmara: “Un homme non seulement très ouvert, mais plein d'idées, d'imagination et d'enthousiasme. Il a ce qui manque à Rome: la “vision” Não é somente um homem muito aberto, mas pleno de ideias, imaginação e entusiasmo. Ele tem o que falta em Roma: a “visão”.

¹² Não posso não recordar o relato que Jeremias faz de sua vocação: “*Seduziste-me, Senhor, e deixei-me seduzir; foste mais forte, tiveste mais poder*. Tornei-me alvo de irrisão o dia inteiro, todos zombavam de mim. Todas as vezes que falo, levanto a voz, clamando contra a maldade e invocando calamidades: a palavra do Senhor tornou-se para mim fonte de vergonha e de chacota o dia inteiro. Disse comigo: “Não quero mais lembrar-me disso nem falar mais em nome dele”. *Senti, então, dentro de mim*



de Deus – o centro da missão e da pregação de Jesus – do qual Jesus não pode ser separado, sob pena de a nossa missão se tornar inócua, impertinente e irrelevante? Não seria o Evangelho sempre de novo lido e comunicado como “*eu-anghélion*”, Boa Nova?

O que fez de Paulo “o Apóstolo”? O que fez de São Francisco de Assis o “homem do segundo milênio”? O que levou São Francisco Xavier, o “Apóstolo do Oriente”, a morrer, esgotado, sobre uma esteira de vime, abraçado ao crucifixo que recebera de Santo Inácio, com apenas 46 anos de idade, às portas da China, depois de ter evangelizado a Índia e o Japão?

“A palavra do Senhor era rara naqueles dias, as visões não eram frequentes. E aconteceu, naquele dia, que Eli estava dormindo no seu lugar, e os seus olhos começaram a enfraquecer-se e não conseguia mais ver...” (1Sm 3,1)

Não faltariam visões arrebatadoras se fôssemos mais fiéis a Jesus e ao seu Evangelho, se abrissemos os ouvidos aos gemidos da terra, se nos aliássemos aos que têm fome e sede de um mundo mais humano, se não nos contentássemos com a mediocridade de nossas vidas e de nossas instituições...

Indicação: Hoje mais do que nunca, é preciso estarmos atentos aos que remam contra a maré baixa em que estamos atolados! “*Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias*” (1Ts 5,19-20). Ao lado do magistério do papa e dos bispos, o magistério dos profetas e dos teólogos; ao lado do magistério dos padres, o magistério dos leigos e leigas das nossas paróquias, comunidades, movimentos, de grupos da sociedade civil, e o magistério dos pobres, que, de sua cátedra (cf. Mt 23,2) nos ensinam o caminho da vida e da morte eterna (cf. Mt 25,46).

5 Do pessimismo ao otimismo da salvação (Rahner, Balthasar)

Segundo Rahner, a importância permanente do Vaticano II consiste (também) no fato de se poder perguntar se se pode esperar que, no fim, Deus salvará a todos. É esta a resposta da teologia da esperança do Concílio ao processo de unificação da humanidade. Apesar das sentenças

um fogo ardente a penetrar-me o corpo todo: desfaleci, sem forças para suportar.
(Jr 20,7-9).



duríssimas e das ameaças de condenação que salpicam a Bíblia, essa ideia também está profundamente enraizada na Bíblia: Deus-Amor diante da miséria humana só pode ser infinita misericórdia! Deus-Misericórdia se sente irresistivelmente atraído pela humana miséria!

Um exemplo contemporâneo dessa consciência é a discussão (por nada secundária e irrelevante) sobre a tradução do “*pro multis*” das palavras sobre o cálice por “por todos” ou “por muitos”. Estamos diante de um larvado predestinacionismo? Queremos matar esta última esperança nas pessoas? O Deus dos cristãos não é também um Deus dos ateus, dos budistas, dos hinduístas, dos muçulmanos, dos céticos, dos não-crentes, dos ateus, dos peregrinos espirituais e dos fundamentalistas? No programa de Deus, não está a salvação de todos (cf. 1 Tm 2,4)? “Nele foram criadas todas as coisas”; ele é “o primogênito de toda a criação” (Cl 1,15-20).

Sabemos que uma coisa é a vontade salvífica universal de Deus e outra, a acolhida pessoal da salvação. Sabemos também que, se nos fixamos e nos aprofundamos em nossa maldade, terminamos no inferno. Revoltamo-nos quando alguém diz que Hitler, Stalin, Pol Pot e outros não estariam no inferno. Com que direito tomamos o lugar de Deus e antecipamos o juízo particular e o universal? (Jonas não gostou de ser enviado a Nínive, não porque tivesse medo de anunciar o castigo, mas porque não queria a salvação da cidade, daqueles 120.000 pagãos e, além disso, dos seus animais (cf. Jn 4,11)!)

E desta ‘certeza’ da salvação final, a humanidade precisa trabalhar – os cristãos e as Igrejas em primeiro lugar – para que já, no tempo, na história, na nossa condição atual, haja fragmentos, pré-gustações, sinais, provas, antecipações. Num mundo que atingiu, em tantos setores, conquistas inimagináveis no campo da ciência e da técnica, não é aceitável que se morra de fome, de obesidade, de violência, de doenças de massa! É preciso tornar verdade que “*eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância.*” (Jo 10,10)

Indicação: rever nossos conceitos de salvação; refletir sobre a desmobilização missionária em todo o mundo depois do Vaticano II; dar prioridade ao conceito bíblico de “Reino de Deus!”

6 De uma Igreja excludente a uma Igreja inclusiva (papa Francisco)

Quem tem uma visão otimista da universalidade da salvação não dispensa a Igreja nem abandona a missão. (Certo otimismo salvífico – certamente mal interpretado – parece ter sido, para alguns, lamentavelmente



desmobilizador). Quem toma a estrada do otimismo em matéria de salvação, muda, porém, a sua imagem de Igreja e a sua visão da missão.

Para os pessimistas em matéria de salvação, o que pesa é o aforismo “*extra Ecclesiam nulla salus*” de São Cipriano, interpretado em sentido exclusivista. Sem batismo, sem fé, sem ingresso e permanência na Igreja visível, nenhuma salvação. Pode salvar-se só *quem confessa com a boca que “Jesus é o Senhor” e crê no seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos*” (Rm 10).

Por isso, tomadas pelo amor das almas, as Igrejas cristãs dos séculos passados fizeram de tudo para anunciar o Evangelho por todo o mundo e batizar o maior número possível de pessoas... até mesmo antes de virem à luz, com alguma ampola intra-uterina batismal, como nos casos de partos particularmente problemáticos.

Os otimistas em matéria de salvação, ao contrário, têm uma imagem inclusivista da Igreja. Aqui, o que pesa é a convicção que “*in Ecclesia salus*”. E, sendo assim, é importante anunciar Jesus, facilitar o encontro com Cristo e o Evangelho – através da presença, do testemunho, do diálogo, do anúncio, da entrada na comunidade, do compromisso com um mundo novo, dos sacramentos – acolher as pessoas no barco da Igreja, ajudá-las a crescer na fé, na esperança e na caridade, apoiá-las no testemunho cristão, no compromisso com a transformação da sociedade... Não é indiferente acolher ou não Jesus; não é indiferente ser acolhido ou não na sua comunidade!

Mesmo que seja possível salvar-se “fora da Igreja” visível, os que foram cativados por Jesus entram no barco da Igreja para tornar-se “pescadores de gente”,¹³ oferecendo ao mundo a alegria do Evangelho, a humanidade do Filho, o nome do Pai!

Nem todos, porém, por mil e uma razões, se encontrarão com Cristo e darão o passo categorial e explícito da fé, com todas as suas consequências e implicações. Mas, nem por isso, deixarão de participar da salvação (cf. LG 14). Onde há salvação, está Cristo, e onde está Cristo, está algo da Igreja, seu Corpo. (cf. CIC 846-848.851) E este “algo” é a graça e o verdadeiro amor (cf. Mt 25). “No fim”, dizia São João da Cruz, “seremos julgados pelo amor.” Só o amor nos leva à plenitude e nos torna “conformes a Cristo”.

¹³ “O ser humano no mar afoga e morre. *Pescar humanos* quer dizer levá-los da morte à vida.” (FAUSTI, S. *Ricorda e racconta il Vangelo*. Milano: Ancora, 1994, p. 41)



O amor não é um confisco de todos para submetê-los à Igreja, mas uma doação total de Deus a todos. Este amor autêntico e salvífico, o Espírito de Deus dá a todos, também ao ateu, ao não-crente, ao agnóstico, ao budista, ao hinduísta, ao muçulmano, os quais, se amam e pelo simples fato de amar, estão, “de modo escondido, conhecido só por Deus”, na estrada da salvação. (cf. LG 14)

Indicação: abertura ao outro, acolhida, diálogo (Paulo VI, na encíclica *Ecclesiam suam*, programática do seu ministério papal, falava de “*colloquium salutis*”), ecumenismo, diálogo inter-religioso (e intraeclesial).

7 Da conquista ao des-velar, revelar e salvar (Pagola)

A partir deste quadro do otimismo em matéria de salvação e da imagem de Igreja que inclui, muda – ou deveria, coerentemente, mudar – também a visão da missão.

O papel da Igreja é, de acordo com o Vaticano II, ser “sacramento de unidade”, “sacramento de salvação”, “sacramento da comunhão dos homens entre si e com Deus”; de acordo com as indicações de Jesus, ser luz, sal e fermento.

A Igreja é luz, transmitindo / comunicando / anunciando aquilo que foi revelado pelo próprio Deus em Jesus de Nazaré, na sua vida e no seu ensinamento, da encarnação à ressurreição. Nós o fazemos vivendo com a força do Crucificado Ressuscitado e caminhando com coragem no seu caminho, que passa normalmente pela cruz: “*Se alguém quer vir após mim...*” (Mt 16,24-26). Quando alguém nos pede razão da nossa corajosa esperança, nós lhe falamos disto e celebramos, sem segundas intenções, as grandes coisas que Deus tem feito pela humanidade e por todos nós.

A Igreja é também sal, sal de salvação. As forças do mal, satânicas (adversárias do Reino, do verdadeiro bem do ser humano, da vida) e diabólicas mesmo (que dividem os homens dos homens, os homens do Reino, os homens de Deus, os homens dos valores inegociáveis do Reino) se contrapõem à ação salvífica de Deus na história. Estas forças afundam suas raízes no mundo da morte – que nos empurram para os ídolos do prazer, do poder e do ter – que nos impedem de amar. Em nossas estratégias de sobrevivência, ditadas pelo medo, ao invés de nos entregarmos a Deus e aos irmãos e irmãs, entregamo-nos à violência, à



cobiça e à mentira. A Igreja é sal na medida em que é capaz de confiar em Deus e de amar os irmãos e irmãs, pondo seus passos nos passos de Jesus: “*Este é o mandamento que dele recebemos: aquele que ama a Deus, ame também seu irmão.*” (1Jo 4,21) . A Igreja deve ser sinal de salvação, seguindo o Salvador, que não teve medo de entregar a vida.

A Igreja deve ser também fermento. O fermento é pouco, feio e podre, mas, sem ele, a massa não vira pão. O mundo não é a “*massa damnata*” subjugada ao pecado, mas a criação de Deus, deformada, sem dúvida, pelo pecado, mas igualmente e, sobretudo, salva pela vida entregue de Cristo! E aí a Igreja tem que ser fermento, fermento bom, fermento do pão partido e partilhado, fermento do pão da vida, que é Jesus, fermento do Reino anunciado e tornado presente por Jesus ao longo de toda a sua vida, culminando no Mistério Pascal.

Indicação: Com que (quais) modelo(s) de missão trabalhamos?¹⁴

8 Do servir-se ao servir (Congar)

“*Deus quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade.*” (1Tm 2,4) A vocação à salvação é universal e também o é a esperança – declinada de mil maneiras – de que, no fim, Deus levará tudo a um bom fim.

A vocação à Igreja, ao invés, não é universal. Como a vocação ao povo de Israel também não é universal. É a lógica da “*pars pro toto*”, da parte pelo todo, da parte para o todo. Alguns estão a serviço de muitos; poucos estão a serviço de todos.

Ser Igreja não é um privilégio, mas um serviço, uma responsabilidade, um peso: não “*honor*”, mas “*onus*”. Entra-se na Igreja – na verdade, o próprio Deus nos “*acrescenta*” ao seu povo (At 2,47) – não para se salvar, mas para salvar os seres humanos afundados em contextos, situações e condições impróprias à vida humana (cf. Mc 1,17), para salvar as ovelhas perdidas (cf. Mt 10,6), de modo que a salvação de Deus possa chegar a todos, apesar de sabermos que somos “*servos inúteis.*” (Lc 17,10)

¹⁴ Cf. BOSCH, D. J. *Missão transformadora. Mudanças de paradigma na teologia da missão.* São Leopoldo: Sinodal, EST, 2002.



Os serviços e ministérios eclesiais deveriam ser o rosto mais expressivo e visível do serviço que a Igreja é chamada a prestar ao mundo (cf. Mc 3,13-14; Mt 10,1-42; Lc 9,1-6; 10,1-12.17-20).

Indicação: como se articulam missão e ministérios eclesiais? como vão nossa abertura e nosso investimento aos serviços e ministérios que o Espírito suscita em favor da vida e da liberdade dos pobres, excluídos, abandonados?

9 De fregueses a testemunhas comprometidas (Zulehner)

Para muitos, infelizmente, a Igreja não passa – e, “*nostra culpa*”, temos que bater no peito pelo alto crime de traição – uma prestadora de serviços espirituais e não tão espirituais. Espirituais em sentido amplo, que vão desde a autoajuda, passando pelas bênçãos, pelas rezas, pelas adorações, pelos passeios de Jesus, pelas novenas, pelas correntes, pelos cercos, chegando ao seguro de vida eterna.

É uma maneira de pertencer à Igreja e de estar na Igreja que dificilmente desaparecerá. Mas precisamos trabalhar para que os fregueses se tornem participantes, e os participantes, testemunhas, ou, conforme o perfeito neologismo de Aparecida, **discípulos missionários**. O Pe. Antoniazzi, de saudosa memória, dizia que os 5% ativos das comunidades deviam trabalhar os 20% de participantes habituais para lançá-los na massa dos 70% dos participantes ocasionais. Embora evangelizar seja muito mais que estratégia (basta ler as afirmações do papa Francisco), os primeiros cristãos – sem nenhum programa previamente traçado – entenderam perfeitamente o “mandado missionário” ou a “grande comissão” (como dizem os evangélicos) de Mt 28,18-28, que encerra uma tríplice totalidade: a totalidade do Evangelho, a totalidade da Igreja, a totalidade do mundo!

Pode ser que, no futuro, a Igreja deixe de ser uma prestadora de serviços espirituais com pessoal especializado de tempo integral e dedicação exclusiva. Pode acontecer que ela se torne – como, de alguma maneira, foi, nos inícios – uma comunidade – ou uma “constelação de comunidades” – na qual os membros se ajudam uns aos outros e ajudam a sociedade, a partir dos seus talentos e dos seus meios.

Uma Igreja de pequenas comunidades cristãs, edificadas pelo Espírito Santo mediante a Palavra, a Eucaristia e os carismas, que garantam



os serviços necessários, administrem os poucos recursos à disposição, e escolham, de seu seio, um responsável ou, melhor ainda, uma pequena equipe de responsáveis para presidi-la em nome do Senhor, que se fez servo de todos. Será que dentre as pessoas profundamente inseridas na vida comunitária, não se pode pensar em escolher, formar e ordenar uma equipe de três para serem os ministros da comunhão na Igreja e entre as Igrejas?

Indicação: conversão pastoral; paróquia evangelizadora; setorização das paróquias; paróquia “rede de comunidades”; dinamização dos ministérios; valorização dos conselhos; “*quod omnes tangit ab omnibus tractari debet*” – o que toca a todos deve ser tratado por todos; ousadia em vista de novas configurações do ministério ordenado.

10 Pastores ou administradores? (Comblin)

Muitos de nós, padres, (mas também outros agentes, leigos e não leigos), somos mais administradores que pastores, mais burocratas que animadores. Centralizamos, quando devíamos descentralizar. Decidimos, quando devíamos ajudar a comunidade e o conjunto dos irmãos e irmãs a discernir. Controlamos, quando devíamos confiar. Formamos pouco, e exigimos muito.

Temos que tomar consciência de que a posição estratégica que ocupamos no organograma da Diocese ou da Paróquia ou da Comunidade ou da Pastoral é para facilitar a comunhão e a comunicação, não para impedi-la ou atrapalhá-la. Basta de paróquias-empresa, basta de padres-empresários da fé, da graça, da religião “sem o menor esforço”!¹⁵

¹⁵ “Às vezes, tem-se a impressão de que o modelo ideal das comunidades cristãs não seja a família, mas a *empresa*. Uma empresa frequentemente no passivo do ponto de vista econômico, e falimentar do ponto de vista dos números e da eficiência, mas, de qualquer maneira, uma empresa: onde conta mais organizar coisas do que encontrar pessoas. A lógica da empresa é diversa da lógica da família: na empresa, o que conta é a produção, na família as relações; na empresa, quem ainda não produz ou não produz mais não tem mais espaço, enquanto, na família, a criança e o idoso merecem uma atenção ainda maior que os outros; na empresa, o que conta são os números, na família as pessoas; a empresa vai adiante pela eficiência e a produção, a família pela eficácia e pelos afetos. A empresa vive uma lógica quantitativa, a família uma lógica qualitativa. Uma empresa que quisesse funcionar segundo a lógica da família e que, por exemplo, valorizasse as relações ao ponto de prejudicar a produção, faliria em pouco tempo. E, da mesma forma, uma família que pusesse no centro a eficiência e o lucro, desprezando as relações, se reduziria a uma fria convivência. As pessoas, especialmente as que retomam ou retomariam o caminho cristão, não são atraídas por uma Igreja-empresa, mas poderiam sê-lo por uma Igreja-família: não é a mania



Basta de padres que gastam o melhor do seu tempo e de suas energias nas atividades-meio (e, às vezes, menos que isso) e veem-se cansados, esgotados, exaustos quando chega a hora – meu Deus, muitas vezes, as poucas horas – das atividades-fim! Na verdade, é necessário avaliar as manifestações de cansaço e, sobretudo, suas fontes, que são, sem dúvida, em muitos casos, o excesso de atividade, mas, em outros, fatores que merecem análises mais específicas.

Com o florescimento das comunidades, de um lado, e a responsabilização dos leigos e leigas, assumindo ministérios diversos, de outro, nós, padres, somos um ministério entre tantos – com toda a especificidade do ministério pastoral, é claro – e não detemos mais o monopólio ministerial. Teoricamente, G. Routhier, teólogo canadense, considera que a edição de *Ministeria quaedam*, em 1972, marcou o fim do monopólio clerical.¹⁶

A figura sociológica do padre mudou, ainda que, do ponto de vista doutrinário, seu carisma/ministério seja o mesmo. Não faremos mais tudo sozinhos, mas promoveremos os carismas dados à Igreja. “*A cada um é dada a manifestação do Espírito, para utilidade comum.*” (1Cor 12,7) Não dividiremos para imperar, mas reconheceremos a diversidade, para pôr em primeiro plano não o ministro, mas a comunidade, não o poder, mas o dom, não a Igreja, mas o Reino. O ministério espiritual da direção e da guia não é dado a alguns porque sabem tudo e para que façam tudo sozinhos, mas para que todos façam a sua parte segundo o dom que o Espírito dá com liberalidade e liberdade!

Numa Igreja plural, os padres terão cada vez mais a árdua tarefa de manter as comunidades, com os seus distintos rostos, com os seus dons e ministérios, na estrada do Evangelho. Deverão preocupar-se – sem neurose, com serenidade e sabedoria, sem caça às bruxas nem tribunais de inquisição – com a comunhão e a coesão de comunidades verdadeiramente apostólicas, católicas, cristãs, evangélicas.

O ministério é também necessário para recordar que a Igreja não se cria nem se inventa a si mesma, mas é dom de Deus e só assim é o seu povo. “Não é absolutamente verdadeiro que o envolvimento do ‘povo’ (i.é, dos leigos e leigas) tornará supérfluo o ministério.” “O ministério per-

de iniciativas, mas o cuidado das relações que pode derrubar o muro da indiferença e encontrar aquele germe de interesse que muitas vezes se esconde no coração das pessoas...” (E. Castellucci)

¹⁶ Cf. BORRAS, A.; ROUTHIER, G. *Les nouveaux ministères: diversité et articulation*. Montréal: Médiaspaul, 2009.



manece, mas o estilo do seu exercício mudará profundamente. Será cada vez menos autoritário-clerical e cada vez mais sinodal-participativo.” A regra é: quanto mais cresce a participação, mais se torna necessário um ministério eclesial capaz de guiar e orientar!

Indicação: não “síntese dos ministérios, mas ministério da síntese”; três dimensões do ministério episcopal, presbiteral e diaconal; que modelo de padre estamos vivendo?

11 Da “desobriga” pascal à celebração regular da Eucaristia nas comunidades por ministros ordenados crescidos na própria comunidade (Lobinger)

A unidade profunda existente nas e entre as comunidades da Igreja, bem como entre as Igrejas locais (e certamente também entre as diversas Igrejas cristãs) se exprime na celebração da Eucaristia e é por ela fundada e reforçada. Por isso, toda comunidade de fiéis tem o direito de celebrar a Eucaristia (cf. João Paulo II, *Ecclesia de eucharistia*). Para isso, é claro que precisamos de bispos e de presbíteros: suficientes, encontráveis, melhor ainda, que, possivelmente, vivam na comunidade.

Para chegar a isso, a Igreja católica terá que ter lucidez e coragem para rever os critérios de acesso de uma pessoa à ordenação presbiteral. Na hierarquia dos valores da Igreja, o bem da celebração da Eucaristia nas comunidades dos fiéis deverá preceder a “salvaguarda” do bem da forma de vida celibatária e acadêmica dos presbíteros.

Lobinger – bispo emérito da Diocese de Aliwal, na África do Sul – não sugere a ordenação de “*virī probatī*”, mas a ordenação de homens, solteiros ou casados, em comunidades que tenham uma boa caminhada eclesial-comunitária, dotadas de serviços e ministérios não-ordenados nos vários âmbitos da vida e da missão da Igreja (palavra – culto – caridade), cujos membros e lideranças estejam tendo formação adequada às suas necessidades pessoais, familiares, pastorais e missionárias. Caberia à própria comunidade, integrada, evidentemente, na Igreja local, com seu presbitério e seu bispo diocesano, a escolha daqueles que, uma vez ordenados para o presbiterato, presidiriam a comunidade e, consequentemente, a Eucaristia da comunidade.¹⁷

¹⁷ Cf. LEGRAND, H.-M. La présidence de l'eucharistie selon la tradition ancienne, em: *Spiritus* 69 (1977), pp. 409-431.



Tais presbíteros, além disso, não seriam ministros itinerantes, mas ministros daquela comunidade e só daquela comunidade. A relação ministro – comunidade é um dado eclesiológico e pastoral a ser valorizado e favorecido pelas comunidades, paróquias e Igrejas locais. Tudo isso pode parecer estranho, irrealista e utópico, mas esta foi a prática normal nas comunidades eclesiais durante séculos e séculos. Na Igreja antiga, isso era tão importante que quem aspirasse a comunidades mais prestigiosas e atuasse para obtê-las era atingido pela pena da excomunhão: “Devido aos muitos tumultos e agitações que acontecem, pareceu bem que seja absolutamente extirpado o costume, que teve início em alguns lugares, contra as normas eclesiásticas, de modo que nem bispos nem presbíteros, nem diáconos se transfiram de uma cidade a outra. E se alguém, depois desta disposição do Santo e Grande Concílio, fizesse algo semelhante, e seguisse o antigo costume, esta sua transferência será sem dúvida considerada nula, e ele deverá retornar à igreja para a qual foi eleito bispo, ou presbítero, ou diácono.” (Niceia, cân. XV)¹⁸

Indicação: qualificar as celebrações eucarísticas; dar espaço a todos os ministérios litúrgicos; dar um salto de qualidade nas homilias; articular liturgia e vida; retomar o tema da homilia nas reuniões de grupo e/ou outras instâncias; dar formação teológica aos leigos e leigas; abertura corajosa a outros perfis de ministros ordenados.

Não concluo nada, continuo sempre... a começar!

Endereço do Autor:

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Rua Imaculada Conceição, 1155 - Bloco 01
Escola de Educação e Humanidades
Prado Velho
CEP: 80215-901 Curitiba, PR
E-mail: ajacatedral@uol.com.br

¹⁸ “A particular consciência que toda comunidade tinha da própria autonomia e auto-suficiência levava a numerosos e densos decretos conciliares em virtude dos quais os ministros deviam permanecer a serviço da comunidade que os havia eleito e os bispos eram proibidos de aceitar clérigos provenientes de outras Igrejas locais ou de admitir no próprio clero fiéis de outras Igrejas locais.” (BO, V. *Storia della parrocchia. I secoli delle origini*. Bologna: EDB, Roma, 1992, p. 79).